

GT 2 – CULTURA, IDENTIDADE E DIFERENÇA

Sessão 1

PENSANDO AGENCIA (GELL) ATRAVÉS DA TATUAGEM

Beatriz Patriota Pereira¹⁵
bia.patriota@hotmail.com

Resumo: A tatuagem é uma arte. Está relacionada à busca de diferenciação e identidade. O corpo é ferramenta, agente e objeto da técnica, uma memória que carrega marcas sociais de um determinado tempo e lugar. A tatuagem configura-se como uma representação externa do eu, mas, ao mesmo tempo, vinculada a coletividades. Proponho, a partir de Gell (em que obras de arte são tratados como pessoas, enfatizando sua agência) pensar o quanto as tatuagens, na sua relação com os seres, dizem sobre as interações humanas, considerando-as ‘desenhos/tatuagens agentes’. Já que o indivíduo que a adquire transfere a ela uma memória, marcando momentos especiais, homenageando pessoas e animais queridos e atraindo sentimentos.

Introdução

Mauss (2003) propõe que arte é aquilo que é socialmente reconhecido como arte. Preocupado com a institucionalização de algo como sendo o que é, com sua inserção na categoria na qual se encontra. Com a absorção de um objeto dentro de um sistema classificatório que pode ou não ser o mesmo do pesquisador. Não devemos partir de nenhuma identificação a priori dos objetos, precisamos recuperar como ele é tomado por aqueles no meio dos quais ele “vive”. Nos ensina que o corpo deve ser pensado a um só tempo enquanto ferramenta, agente e objeto: ele é ao mesmo tempo a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado. Assim, para ele, toda a expressão corporal é apreendida, tendo em mente a sua preocupação em demonstrar a interdependência entre o que chama de domínio físico, psicossocial e social. O corpo humano nunca pode ser encontrado num suposto “estado natural”, e aborda os modos como o corpo é a matéria-prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais. Ao analisar as modificações corporais, Braz conclui:

¹⁵ Graduanda em Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos.

Os corpos, aqui, mesmo que não os pensemos enquanto socialmente inscritos, em termos abrangentes, estão sujeitos às regras e técnicas criadas dentro do próprio campo. (BRAZ, 54)

Conforme Geertz (2008), o que é arte não é a mesma coisa em lugares distintos. Ora, os meios através dos quais a arte se expressa e o sentimento pela vida que os estimula são inseparáveis. A capacidade de uma pintura de fazer sentido (ou de outras artes), que varia de um povo para outro, bem assim como de um indivíduo para outro, é, como todas as capacidades humanas, um produto da experiência coletiva que vai bem além dessa própria experiência. A participação no sistema particular da arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro é um setor dos segundo. Uma teoria da arte é uma teoria da cultura, e não um empreendimento autônomo. Aqui, considerarei a body modification como a cultura em que os tatuados e tatuadores fazem parte, mesmo que seja parcialmente ou apenas durante o ato de se tatuar.

Já conforme Lagrou (2007), a fonte de inspiração criadora costuma, no pensamento ameríndio, ser vista como originalmente exterior ao mundo humano ou étnico. O artista seria mais um mediador do que um criador. Importando-se com a relação entre o esquema conceitual de um povo, suas intenções sociais e a materialização desses em artefatos e imagens. Para os Kaxinawa, a arte é incorporada, tal como a memória e o conhecimento.

Gell (1998) vê a necessidade de criar uma nova Antropologia da Arte, que focalize o contexto social de produção, circulação e recepção de arte, e não seja uma avaliação de obras de arte, que é uma função do crítico e não da Antropologia. Os juízos estéticos são apenas atos mentais, enquanto os objetos de arte são produzidos e entram em circulação no mundo físico e social, mantidos por processos sociais de natureza objetiva e ligados a outros processos sociais, como troca, política, religião e parentesco. O objeto da Antropologia são as relações sociais. Só se descobre o que é cultura observando e registrando o comportamento cultural das pessoas em questão em determinado contexto, isto é, como elas se relacionam a outros nas interações sociais. A cultura não tem uma existência independente das suas manifestações nas interações sociais (GELL, 1998).

Falamos de objetos usando signos, mas os objetos de arte não são eles próprios dotados de significados. E se tem significados, então fazem parte da língua, são símbolos gráficos. Gell (1998) enfatiza não a comunicação, e sim a agência, interação, causação,

resultado e transformação. Encara a arte como um sistema de ação cujo fim é mudar o mundo, e não codificar proposições simbólicas a respeito do mundo. A teoria antropológica da arte não precisa fornecer um critério para o status de objeto de arte que seja independente da própria teoria. A definição do objeto de arte é teórica (GELL, 1998).

Assim, a Antropologia da Arte proposta por Gell (1998) seria um estudo teórico das relações sociais na vizinhança dos objetos que atuam como mediadores da agência social, partindo da idéia de que os objetos de arte equivalem a pessoas, ou a agentes sociais. A Antropologia interessa-se pelo contexto imediato das interações sociais e suas dimensões pessoais, levando em conta a base institucional da produção e da circulação de obras de arte. A teoria proposta é a teoria da arte que considera objetos de arte como pessoas, seria a de Mauss (2003) em que as prestações são substituídas por objetos de arte.

A Antropologia tende a focalizar o ato no contexto da vida do agente. O estudo dos relacionamentos no decorrer do curso da vida (as relações através da qual a cultura se adquire e se reproduz) e dos projetos de vida que os agentes buscam realizar através de suas relações com os outros, permite que os antropólogos realizem sua tarefa intelectual, que é a de explicar por que motivo as pessoas se comportam do modo como se comportam. O objetivo é dar sentido no comportamento no contexto das relações sociais. É dar conta da produção e circulações dos objetos de arte como função desse contexto.

Resumindo, a proposta de Gell (1998) é tratar objetos, artefatos ou arte como se fossem ‘pessoas’, enfatizando suas qualidades agentivas. A aproximação dos conceitos de artefato e pessoa deve ser lida em termos maussianos, onde substituiríamos ‘prestações’ por ‘objetos de arte’ (LAGROU, 2007). Interessa ver o que estes objetos e seus usos nos ensinam sobre as interações humanas e a projeção da sua socialidade sobre o mundo envolvente; é na sua relação com seres e corpos humanos que máscaras, ídolos, banquinhos, pinturas, adornos plumários e pulseiras tem de ser compreendidas.

Visto que outros seres, especialmente animais, recebem o status de gente ou sujeitos no pensamento amazônico, a questão sobre o que fazer com artefatos, feito de plantas e animais por humanos, se coloca automaticamente. A questão também pode ser aplicada a imagens produzidas pela agência combinada de plantas, memória, cantos e outras entidades.

Devem estes também ser considerados agentes, isto é, agentes sociais, ou mesmo pessoas, entidades querendo se tornar pessoas, de determinado ponto de vista? O material kaxinawa sugere que este é o caso para alguns artefatos e algumas imagens. (LAGROU, 2007; 55)

Assim, considerando o perspectivismo, ao abordar a questão da relação entre artefato e pessoa a partir do ângulo da etnologia ameríndia, pensar arte equivale a pensar a noção de pessoa e de corpo. Porque objetos, pinturas e corpos são assuntos ligados, no qual a pintura é feita para aderir a corpos e objetos são feitos para completar a ação dos corpos. “A lição metodológica tirada desta constatação é a de que é impossível isolar a forma do sentido e é impossível isolar a ação do sentido. O sentido muda conforme o contexto no qual o objeto se insere” (LAGROU, 2007; 51).

Desenhos existem para nos lembrar de ou sugerir sua existência no mundo, não para exaurir seu ser na sua visibilização pelo desenho pintado ou tecido. (LAGROU, 2007). Nesta sua qualidade de veículo apontado para o estar relacionado reside sua capacidade de agir sobre o mundo: sobre os corpos onde o desenho adere como uma segunda pele e sobre as mentes dos que viajam a mundos imaginários em sonhos e visões.

Em campo, encontrei discursos como:

A tatuagem é uma arte do mesmo jeito. Não tem diferença. A única diferença é que a tatuagem é uma arte difícil, tá ligado? Por exemplo, eu tô tatuando numa tela que se meche e sangra, né cara? A aplicação da tinta também é muito mais difícil do que uma tela, ou uma pintura em parede. Sempre tem uma dificuldade a mais. E a responsabilidade. Por exemplo, eu tô pintando uma tela, se não deu certo eu joga fora e começo outra. Agora tattoo, é a pele de alguém né cara? Vai ficar pro resto da vida qualquer traço que eu fizer aqui. por mais que tenha tratamentos a laser. Hoje não é muito eficiente, é caro, é dolorido, e não sai 100% da tatuagem. Então a responsabilidade é o principal fator de fazer da tatuagem uma arte mais importante, tá ligado? (Depoimento)

Quando uma pessoa vem e fala: faz uma tatuagem em mim, e faz da sua cabeça, eu confio em você, nesse caso, o artista é o tatuador, não tem como, né cara? Tá nas mãos dele fazer a tatuagem. Agora quando um cara traz um desenho, ou que ele mesmo fez. Tipo, ele traz um desenho da internet e fala: eu quero igual. Sabe? Ai são dois méritos: da pessoa que fez o desenho e do tatuador que tá tatuando, cara. Quando não, quando é se vira ai cara, os méritos ficam por minha conta. Não tem jeito. (Depoimento)

Ah, cara, com certeza as tatuagens dizem alguma coisa. Dizem mais no sentido de marcar a época da nossa vida assim, tá ligado? por exemplo, tem as que eu fiz com nome de ex-namorada, coisa assim e tal, que eu nem apaguei, eu deixo até hoje, tá ligado? que lembra a época da minha vida que eu estava com ela e tal, né? quando eu arranjar outra namorada, eu vou fazer o nome dela de novo, tá ligado? e não vou apagar eles, não, tá ligado? ah, véio, se elas quiserem, vai ter que ser assim, já dou um monte de coisa. se ela quiser eu escrevo o dela, o da atual. mas os das antigas, fica. (Depoimento)

A prática da tatuagem, segundo Pires (2005), no Ocidente tem passado por distintos contextos sociais. Inicialmente, foi introduzida pelos viajantes e pelos marinheiros do século XVIII. Posteriormente, no século XIX e no início do século XX, setores marginais da sociedade apropriaram-se da tatuagem. A passagem por esse tipo de universo social fez com que a tatuagem começasse a ser identificada como marca de marginalidade, atuando em um duplo sentido: como meio e como estigma social. No ano de 1967, tribos urbanas foram apropriando-se desse imaginário, adotando a tatuagem como uma marca corporal.

Nos anos 1970, ela começou a sair da clandestinidade (PIRES, 2005; 75). Conforme Pérez (2006), na década de 80, o estabelecimento de modernas lojas exclusivas marca a profissionalização de seus praticantes, o melhoramento da técnica e as novas formas de conceber o corpo. A tatuagem torna-se uma das opções estéticas procuradas. Já a partir dos anos 90, surgem os estúdios com os instrumentos modernos, com maior qualidade artística e aumento de procedimentos higiênicos. Braz (2006) descreve o processo de “profissionalização” e “medicalização” como, talvez, uma forma de legitimar o campo das práticas de modificação corporal, ao mesmo tempo que traz a hierarquização desse universo. “Da prática marginal e estigmatizante, a tatuagem passa pouco a pouco a ser valorizada e reivindicada como artística” (LE BRETON, 2004; 20), um adereço definitivo que contribui para a afirmação do sentimento de identidade.

Investe-se na subversão dos valores, do status e do lugar social e cultural que têm caracterizado o exercício dessa prática por meio dos seus três componentes básicos: o tipo de usuário (antes restrito a uma população marginal e agora abrangendo todas as classes sociais), o perfil do tatuador (de amador a profissional) e o caráter da tatuagem (de estigma à obra artística). (PÉREZ, 2006; 183)

Segundo Berger (2007), a tatuagem, além da análise dos aspectos sociais é compreendida como: um “ato relacionado essencialmente às necessidades da pessoa: a busca de diferenciação e identidade (Le Breton 2002; Sanders 1998), a procura de sentido íntimo (D’Allondans 2001) ou a manifestação de vontade incontrolável (Almeida 2001)” (PEREZ, 2006; 202).

Ora, o corpo é instrumento do homem. Mais especificamente: “o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo” (MAUSS, 2003; 408). “A utilização do corpo, pela arte, vem assinalando um importante crescimento e uma expressiva diversificação” (PIRES, 2003; 87). Tatuados reportam-se ao uso de técnicas artísticas no corpo. Diferenciando-se pelo caráter aparentemente corporal definitivo que essas

intervenções apresentam, que possibilitam ao indivíduo adquirir novas características.

Não obstante, a tatuagem, hoje, mais do que uma marca estética ou um amuleto protetor, representa um prolongamento da mente. O indivíduo que a adquire transfere para ela a memória de um fato ou de uma situação. “A lembrança, que antes habitava na memória ou em determinados objetos externos ao corpo, agora é incrustada na pele” (PIRES, 2003; 89). Os indivíduos registram no corpo o que já aconteceu; trata-se de um registro histórico, que ajuda a criar a identidade. Numa sociedade na qual o sentido mais estimulado é o da visão, ganha força a atitude de que é necessário explicitar através de imagens as ideias, ideais, crenças e sentimentos. “É como se a identidade do indivíduo, para existir, necessitasse obrigatoriamente estar visível aos outros” (PIRES, 2003; 128).

Conforme Pires (2003), na tatuagem, a relação corpo-objeto é independente da relação tempo-espaço, como entendida nas sociedades ditas primitivas. Não há distinção entre o artista e a obra, entre o sujeito criador e o objeto criado. O sujeito é o objeto e não deixará de ser, independentemente do tempo e do espaço em que se encontre. O evento artístico não se reduz ao tempo da exposição ou da apresentação. O tempo de exposição é o tempo de vida do indivíduo, e o espaço destinado a ela é composto por todos os ambientes por onde ele circula. Não vigora aqui a premissa do pensamento racional, do discurso intelectual. A obra é determinada pelo inconsciente, pelo afeto; é designada como algo fundamental para a formação da identidade do sujeito.

Falei que queria uma tattoo que pegasse o peito todo ai ela fez, eu curti, foi lá e fez. Deixei ela criar. Não escolhi nada, ela que fez. Eu acho legal, eu acho importante deixar, tipo, o tatuador criar também. Essa daqui também, falei que queria uma mulher de chapéu e a pena, ai ela que criou. Foi dela. E ai foi criação dela também. Eu curto isso. Com certeza o artista é só o tatuador, eu sou só tela. Eu sou só tela. Eu acho que é, uma coisa assim por mais que seja em mim, eu levo um pouco quando é um desenho dele, do artista comigo, quando é uma coisa que tem a personalidade dele, entendeu? Tem a minha e tem a dele, porque é lógico que eu não vou tatuar uma coisa que eu não goste em mim, então tem o meu gosto, mas tem muito mais da personalidade do tatuador, entendeu? por isso que eu não tatuo em tatuadores que não tem personalidade, porque eu gosto que vem um pouco da personalidade dele pra mim, entendeu? Sinceramente, pra mim, um tatuador sem personalidade é um tatuador que não tenha tatuagens, porque é a mesma coisa que você ir na casa de um pintor que não tem quadro nenhum pendurado na parede ou de um escritor e ele não tem livros na estante, pra mim é a mesma coisa. Entendeu? É arte. Se você gosta, se você aprecia a arte que você faz, você vai ter a arte que você faz, entendeu? Impossível você não ter. (Depoimento)

O corpo pode e deve, segundo Berger (2007), ser pensado como uma memória,

carregando as marcas sociais de um determinado tempo e lugar. “A tatuagem configura-se como 'uma representação externa do eu. A subjetividade e interioridade do sujeito deve ser expressada pelo desenho na pele, ou ao menos, deve haver um mínimo de sintonia entre estas duas dimensões’” (Leitão, 2004; 8 apud BERGER, 2006; 18). É nas situações de fronteira que a identidade é mais operante e os traços distintivos são reafirmados e, portanto marcados.

Berger (2006) entende o corpo não apenas como um produto da cultura, mas também como um dos lócus privilegiado de reflexão e produção da própria cultura, como uma verdadeira linguagem, com sintaxes altamente complexas. Para deciframos esta linguagem, é preciso entendermos os símbolos, os mitos e as memórias individuais que são traçadas no corpo. “A tatuagem configura-se como um indicador, uma marca social, que revela pertencimento e/ou adesão a certos valores e ideologias. O corpo passa a ser a tela onde se pintam e se expressam concepções da vida e do mundo” (BERGER, 2006; 7)

É preciso destacar também que a tatuagem é muito utilizada para marcar momentos especiais do ciclo de vida do indivíduo, como mudanças de faixa etária, ingresso na faculdade e curiosamente, momentos de separação conjugal. Neste último caso, a tatuagem pode ser vista como um mecanismo de renascimento da mulher, como um símbolo de liberdade, de marcar o ingresso em uma fase da vida. É ao mesmo tempo, uma transmutação e uma cartase (BERGER, 2007).

Algumas tatuagens também são formas de homenagear pessoas e/ou animais queridos, de gravar na pele para sempre imagens que as lembrem. Embora hoje em dia já seja mais fácil retirar uma tatuagem com laser, estas ainda vinculam-se à fixação de uma memória imutável, de um modo de congelar um instante, de burlar o efêmero através de algo que não se apaga. São comuns tatuagens homenageando pais e mães, bem como declarações de amor a parceiros afetivos e filhos. Uma vez inscritas na pele, elas proclamam a importância de tais pessoas em sua vida. Grava-se e carrega-se nela o que está gravado em sentimentos e em pensamentos. Simbolicamente, a tatuagem unifica o corpo, o sentimento representado e a pessoa que a porta na intimidade da pele. (BERGER, 2007)

Através das tatuagens, também se procura 'atrair' sentimentos como amor, arte, encontro, esperança, é como se estas fossem uma forma de pedir, através do próprio corpo, a realização de desejos íntimos. Um ponto comum é que uma vez realizadas as tatuagens, seu possuidor é tomado por sensações identitárias, afirmadas pela memória da pele. Ora,

A tatuagem nada mais é que um desenho, uma pintura. O que a diferencia dessas duas formas de representação, que em menor ou maior quantidade já foram executadas e/ou vistas por todos nós, é o suporte em que ela é

executada e a técnica utilizada para sua aplicação. Sabemos que todas as atividades artísticas, assim como os sonhos, deixam transparecer elementos que se encontram no inconsciente. A propriedade de deixar visível, de tornar material e, mais do que isso, de tornar parte do próprio corpo físico uma atribuição mental, reforça o caráter onírico inerente à tatuagem. (PIRES, 2003; 76)

Enquanto objeto de arte, a tatuagem pode ser compreendida como um agente. Os signos e significados que são construídos em seus desenhos podem nos dizer sobre as interações humanas, já que são construídos nestas relações. A construção e materialização do desenho é também a construção e materialização de uma memória ou um sentimento, focalizando e contextualizando a vida do agente, conforme proposto por Gell (1998).

Referências Bibliográficas

BERGER, Mirela. *Tatuagem: a memória na pele*. Espírito Santo, 2007.

BRAZ, Camilo Albuquerque. *Além da Pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Campinas: Dissertação de

e mestrado, Unicamp, 2006.

GELL, Alfred. *Art and Agency: towards a new anthropological theory*. Oxford, Clarendon Press, 1998.

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

LAGROU, Els. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agencia em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2007.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Sinais de Identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Mosótis, 2004.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PÉREZ, Andrea Lissett. *A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Mana, vol.12, 2006.

PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, esscarificação, tatuagem*. São Paulo: Editora Senac, 2005.